



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NIVALDO DE ARÊDES CAMPOS  
(depoimento)**

**Timóteo/MG - 2023**

**LECCORPO - CEFIS - UNIVASF - ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Futebol & Política no Vale do Aço: a construção de um estádio e a reforma urbana na cidade de Ipatinga

**Número da entrevista:** E-121

**Nome do entrevistado:** Nivaldo de Arêdes Campos

**Nascimento:** 18/04/1959

**Local da entrevista:** São João do Oriente/MG

**Entrevistadoras:** Luiza Aguiar dos Anjos e Júlia Ribeiro Junqueira

**Data da entrevista:** 07/11/2023

**Transcrição:** Ana Laura Valeriano de Paula

**Copidesque:** Júlia Ribeiro Junqueira e Luiza Aguiar dos Anjos

**Pesquisa de termos:** Ana Laura Valeriano de Paula, Júlia Ribeiro Junqueira e Luiza Aguiar dos Anjos

**Total de gravação:** 48 minutos e 29 segundos

**Páginas digitadas:** 21

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: CAMPOS, Nivaldo de Arêdes. Entrevista concedida por Nivaldo de Arêdes Campos ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Luiza Aguiar dos Anjos e Júlia Ribeiro Junqueira. UNIVASF, UFRGS, TIMÓTEO (MG), 7 nov. 2023, 21p.

## **SUMÁRIO**

Carreira: da trajetória profissional ao futebol; Aciaria (time formado no departamento da Usiminas); Usiminas e sua relação com o futebol amador; Cruzeiro versus Seleção de Ipatinga na pré-inauguração do Ipatingão (1982); lembranças do estádio Ipatingão: obras, estado de conservação e jogos; lembranças da carreira futebolística.

São João do Oriente, 7 de novembro de 2023. Entrevista com Nivaldo de Arêdes Campos (N.C.), a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos (L.A.) e Júlia Ribeiro Junqueira (J.J.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

L.A. — Nivaldo, obrigada por conversar com a gente!

N.C. — Prazer!

L.A. — Para começarmos, fala para gente da sua formação e da sua trajetória profissional, passando pelo futebol e por outros caminhos que você pode ter seguido.

N.C. — É, minha raiz é aqui em São João do Oriente e, ainda na minha adolescência, eu me projetei no futebol municipal, muito novo, com quatorze anos a gente já jogava de titular no time da cidade, no primeiro quadro. Em seguida, fomos estudar, fazer uma formação técnica e superior em Belo Horizonte e lá a gente teve a oportunidade de treinar nas categorias de base do América e do Cruzeiro. Ao término dos meus estudos, eu retornei à minha cidade com intuito de residir em Ipatinga. Consegui um estágio na Usiminas e jogando no futebol ipatinguense, na Aciaria durante esse período, o que ocasionou a minha não permanência na Usiminas e, conseqüentemente, também não na Aciaria, retornei à minha cidade e fui convidado para jogar em times do campeonato baiano, o Serrano de Vitória da Conquista, em seguida no Caratinga Esporte Clube, joguei dois anos, tricampeão, tetracampeão. E foi assim um período muito bacana, muito glamour, porque são coisas novas que a gente conhece, pessoas novas, um mundo novo onde a gente amplia o leque de amizades, de conhecimentos e muitas outras probabilidades e possibilidades na vida.

L.A. — Nesse período que você narrou, você conciliava o futebol com outras atividades profissionais ou você se dedicou exclusivamente ao futebol?

N.C. — Não, eu conciliava o futebol com minhas atividades, porque, em 1981, eu comecei a dar aula pelo estado aqui na minha cidade e jogando futebol. A gente ausentava três vezes na semana para dedicar ao esporte, mais as atividades profissionais, os movimentos que a gente fazia nas terras do meu pai, na escola, ficou uma constante. A gente ia conciliando as

duas coisas. O período que eu estava na Bahia, não. Lá eu tive que permanecer enquanto durasse a competição.

J.J. — Você era professor de quê? De alguma disciplina específica?

N.C. — Eu comecei como professor de Ciências e Geografia, substituição. Depois dei aula de Química e, de uns bons anos, de 1987 para cá, Ensino Religioso. E, em 2016, eu passei no concurso do estado e estou nessa atividade até hoje, Ensino Religioso e Projeto de Vida na Escola Estadual Vitalino de Oliveira Ruela.

L.A. — E me conta um pouco sobre como é que era o futebol. Você falou que começou aqui, aí foi para BH... Fala um pouco sobre esse futebol local. Como era, que equipes se destacavam?

N.C. — Era um futebol de muito glamour. São João do Oriente, quando chegava o dia de quinta-feira, quando a gente se reunia para fazer os treinamentos, nós tínhamos muitos torcedores que iam nos prestigiar. E a cidade ficava na expectativa de chegar domingo à tarde para ir ao campo de futebol. As moças e os rapazes sentavam nas sombras dos eucaliptos para bater papo, os torcedores vibrando com o time, tinha uma simbologia por trás dessa dedicação que nós tínhamos, sabe? Então, era um ponto de encontro no Estádio Olívio Pinto Vieira, era um ponto de encontro dos domingos à tarde.

L.A. — Quais eram as equipes? Vocês jogavam onde? Que outras equipes havia aqui no entorno?

N.C. — Não, aqui na cidade tinham equipes de pouca expressão que jogavam assim, mais aqui na região, mais em área rural, partidas mais tranquilas. Agora, nós disputamos campeonatos na liga de Caratinga e, posteriormente, fomos disputar o da liga de Ipatinga, como já disputamos competições também na liga de Governador Valadares.

L.A. — E qual era esse seu time?

N.C. — Clube Esportivo São João do Oriente, CESO. Clube Esportivo São João do Oriente.

L.A. — E ele continuou ativo?

N.C. — Ele está ativo até hoje. Ainda disputa campeonato na liga de Ipatinga, as categorias de base, que eu tive o privilégio desde 1900 e...83, por aí, eu comecei a implementar as escolinhas de futebol na cidade, começando com os treinamentos lá no campo society do Rancho Alegre, com as crianças. E aí foi aumentando o número a tal ponto que não comportava mais dar os treinamentos lá, aí eu transferi para o campo do Sérgio, o campo de tamanho oficial, é o estádio da cidade... e lá a gente dividia por faixa de idade, a partir de 7 anos de idade até aos 17 anos, os dias de treinamento, duas categorias por tarde, por dia. E a gente alavancou isso e a gente ficou no comando, é... Eu doeí da minha vida 35 anos como jogador, como diretor, treinador, presidente para o esporte da nossa querida São João do Oriente. Hoje a gente está aí... com outros amigos aí que estão dando sequência a esse trabalho, a esse legado.

L.A. — Você falou que trabalhou na Usiminas por um período, né?

J.J. — Não, ele foi estagiário.

N.C. — Eu fiz estágio.

L.A. — E durante esse período de estágio, você estava jogando no Aciaria, certo?

N.C. — Aciaria só tinha ex-profissional. Timaço!

L.A. — E era um clube que tinha um vínculo com a Usiminas?

N.C. — Tinha, porque o departamento da Usiminas que era o lingotamento convencional e o lingotamento direto, eles eram chamados de aciaria. O departamento chama aciaria. Com essa aciaria, ele fundou o clube Aciaria, clube de piscina e tudo. É onde o Ipatinga treina hoje. Sabe onde é o ginásio coberto ali na Aciaria, o clube Aciaria, você sabe onde?

J.J. — Não, eu conheço mais só o Cariru.

N.C. — Pois é, no Cariru, na subida para você ir para o Márcio Cunha<sup>1</sup>, então, aquele muro grandão ali é o campo do Aciaria.

J.J. — Ah tá, acho que eu sei.

N.C. — Do lado, onde passa a linha de ônibus, aí tem o ginásio, depois lá na frente tem o Cariru Esporte Clube, o Clube Cariru, né? E aquele complexo ali na beira da mata, aquele muro compridão, até virar lá perto da portaria, é tudo complexo do Aciaria. Alojamentos onde as categorias de base do Aciaria alojavam, inclusive meu sobrinho jogou três anos pelo Aciaria e um ano pelo Ipatinga no campeonato mineiro infantil e juvenil. Quando ele parou, coitado, ele estava estudando, fazendo engenharia lá em Matipó, no ano que ele ia formar, com 21 anos, ele jogou... Eu fazia, em todo aniversário meu, eu fazia um futebol e uma festa para receber os amigos que jogaram comigo, de Belo Horizonte, Sabinópolis, Valadares, Caratinga... E ele jogou. Foi no... sábado... Foi no sábado. Na segunda-feira cedo, ele morreu de acidente de carro. Foi para a balada em Ipatinga com uma galera, voltou com o dia amanhecendo e bateu o carro. Foi um escândalo. Foi a maior tragédia. Aí eu não fiz mais a festa.

L.A. — Fica sem clima, né?

N.C. — Fica sem clima!

J.J. — E nessa época que você estava na Aciaria, você lembra o ano?

N.C. — [Pensando] 1979, 1980... Acho que foi 1980. Porque, em 1979, eu estava em Belo Horizonte... Vim... É, 1980.

J.J. — E, nesse momento, você estava na juventude, você lembra da relação, por mais que você não estivesse talvez entre os mais adultos, você estava no juvenil, né?

N.C. — Lá em Belo Horizonte?

---

<sup>1</sup> Hospital Márcio Cunha, Ipatinga/MG.

J.J. — Não, na Aciaria?

N.C. — Na Aciaria não, eu estava no amador.

J.J. — No amador. E você lembra da relação da Usiminas, desses clubes, porque além da Aciaria tinha outros ali dentro. Como era a relação ali em relação ao futebol amador?

N.C. — A Usipa<sup>2</sup> também tem o departamento... a coordenação de departamento na Usiminas que coordena a USIPA, né? Futebol, modalidades esportivas, tem todo um aparato. O Jabaquara também era apoiado por uma célula da aciaria lá, que não sei qual departamento, mas são pessoas ligadas à chefia dos departamentos, que ministravam Jabaquara, Usipa, Aciaria. Basicamente é isso, são esses três times.

J.J. — A gente poderia falar que esse futebol amador ali de Ipatinga tem uma relação muito direta com a Usiminas? Você lembra da época?

N.C. — Esses três clubes têm. E a Usiminas também já foi parceira de patrocínio em material esportivo para os clubes. Já foi parceira. Usisaúde<sup>3</sup>, Usiminas... Já foi parceiro de... Parece que, na época, de bancar o material esportivo.

L.A. — Vocês chegaram a receber algum incentivo financeiro para jogar?

N.C. — Não, na Aciaria, a gente recebia era mesmo a condição de um cargo, de um emprego para jogar futebol. Nas categorias de base que eu joguei em Belo Horizonte, não, mas, por exemplo, em Caratinga, nós recebíamos. Recebíamos por viagem que a gente ia, ficava em hotel, tinha o bicho do jogo e tinha um salário. Já no Serrano, na Bahia, era para receber, mas tinha seis meses que os jogadores não recebiam dinheiro nenhum. Os casados recebiam vale de compra e, mesmo assim, o time conseguiu classificar para o quadrangular final do campeonato baiano. Aí foi o que fez muita gente desistir, dar costas e vir embora. Mesmo

---

<sup>2</sup> Associação Esportiva e Recreativa Usipa, Ipatinga/MG.

<sup>3</sup> Operadora de plano de saúde.

com o amistoso programado contra o Vasco da Gama<sup>4</sup>, contra o Vasco da Gama e uma excursão para o interior da Bahia para toda a renda ser dividida entre os jogadores para que haja uma recompensa desse tempo perdido financeiramente, sabe? Mas não foi nada agradável [risos].

L.A. — Dificuldade com o futebol na época, né?

N.C. — Verdade.

L.A. — E aqui você diz aqui que era uma lógica de emprego e parte do tempo dedicado era ao futebol e parte ao trabalho efetivamente na Usiminas. Era isso?

N.C. — Sim! Fez muito jogador profissional, alguns jogadores profissionais fizeram reversão com o amador para ter estabilidade no emprego, né? Ter estabilidade na vida, ter um emprego, porque, às vezes, é muito difícil você ingressar num time profissional, né? Então muitos fizeram reversão e tal. E eu fiz opção de fazer estágio na aciaria. Porque eu tinha a opção de outro departamento, porque me pediram, “é bom”, “você concilia o futebol”. E o futebol da Aciaria realmente era um futebol, assim, a nível da Usipa, a nível do Caratinga<sup>5</sup>, como era nível de Coopevale<sup>6</sup> e Democrata<sup>7</sup>, em Valadares, assim, quase no estilo de profissional. Você tinha um momento de se dedicar à condição física, dedicar aos treinamentos táticos, sabe? Enfim, tomar sua sauna lá, sua massagem. É, tinha todo um aparato bacana para isso, sabe? Então, eram times semi-profissionais, com o mesmo ritmo.

L.A. — Como é que era a proporção de tempo, assim: quanto tempo era dedicado ao futebol e quanto você estava trabalhando na Usiminas?

N.C. — Trabalhando de três turnos, não podia treinar em qualquer horário, né? Então, se a gente estava no sistema trabalhando à tarde, era o sistema das 15 às 23 horas, então a gente tinha condição de treinar, então a gente fazia um condicionamento físico, um treinamento na parte da manhã e, assim, ia revertendo de acordo com o horário da Usiminas, o horário do

---

<sup>4</sup> Club de Regatas Vasco da Gama, Rio de Janeiro/RJ.

<sup>5</sup> Esporte Clube Caratinga, Caratinga/MG.

<sup>6</sup> Coopevale Futebol Clube, Governador Valadares, MG.

<sup>7</sup> Esporte Clube Democrata, Governador Valadares, MG.

treinamento, mas poucas pessoas estavam nesse mesmo ritmo que eu. Mas sempre conciliava, não podia ficar parado.

J.J. — Você ficou até quando lá na Aciaria?

N.C. — Fiquei pouco tempo. Eu fiquei seis meses, que foi o tempo que durou o estágio. Aí eu não fiquei no estágio, e... Aí eu fui caçar rumo. Estava muito incômodo ter que vir e voltar para treinar, vir e voltar para Ipatinga para treinar, e ficar lá também ficava até mais caro, então eu resolvi ficar por aqui mesmo.

L.A. — Você lembra da época da construção do estádio Ipatingão? Você estava na Aciaria?

N.C. — Lembro, a gente acompanhou. A gente via aquela construção saindo do chão, tomando forma. E aquilo era... Quando falava em Ipatinga ter um time profissional, eu achava, assim, muito interessante porque realmente se, nessa época, você observasse a qualidade dos jogadores que tinha em Ipatinga, você tirava dois times para disputar o Campeonato Mineiro. Tinha muita gente boa de bola, pessoas que estavam em plena atividade no profissional vieram para disputar o Campeonato Ipatinguense. Então tinha muita qualidade. Então a gente via aquilo até com uma certa expectativa, né? De se criar um time profissional, de dar oportunidade para pessoas da região. Porque, nessa época aí, a qualidade do jogador era muito [ênfase] melhor do que a de hoje. Hoje, se você for um cara bombado, bem em condicionamento, com um condicionamento muito bom, sabe, tipo, *a la* robô, você estoura no futebol. Porque você tromba, você pega, você joga, você não deixa o outro jogar, velocidade e essa coisa toda... De primeiro, não, era mais técnica. Eu costumava dizer que, em onze jogadores dentro de campo, o time tinha um ou dois corredores e tinha nove, dez pessoas clássicas jogando, cadenciando o futebol. Hoje é o contrário. Hoje dificilmente você acha um para cadenciar o jogador. É só aquela correria, aquele toque rápido, vup vup vup vup, né? Então, é mais ou menos o inverso. Mas aí o Ipatingão foi tomando forma, tomando forma. Até que eu cheguei da Bahia. Eles já estavam treinando para enfrentar o Cruzeiro<sup>8</sup>. O Cruzeiro veio de Salvador, ganhou de 2 a 1 do Bahia, passou em Ipatinga para fazer esse jogo de inauguração do Ipatingão e lá ia para São Paulo<sup>9</sup> pegar

---

<sup>8</sup> Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte/MG.

<sup>9</sup> São Paulo Futebol Clube, São Paulo/SP.

o São Paulo. Me parece que, nessa época, era o Brasileirão ou Campeonato Nacional. Hoje fala-se que é a série A do Brasileirão. Mas o Cruzeiro completinho jogou contra nós.

J.J. — Vocês jogaram com o time principal, né?

N.C. — Time principal, time principal. O Cruzeiro, na penúltima vez que tinha jogado em Ipatinga, tinha ganhado de 7 a 1. E nós tivemos o privilégio de perder só de 3 a 0. Só de 3 a 0...

J.J. — Eu queria pedir para que você contasse sobre esse momento. Porque você não estava aqui na região, você tinha ido para a Bahia. Como foi esta vinda sua? Como foi esse convite? Porque já havia uma seleção que estava formada... como foi a sua entrada na seleção?

L.A. — Como foi a formação desse time, né?

N.C. — Eu cheguei... Porque estava tendo um probleminha lá, por ser também inauguração política houve uma certa resistência da Usiminas não liberar determinados jogadores que estavam em horário de trabalho. Então tinha essa coisa “será que eles vão poder jogar?”, “será que não vai?”. Aí quando eu cheguei, já era... Eles já tinham dado um ou dois treinos na semana, na seguinte que era a semana para o jogo, aí o Beto<sup>10</sup> comentou, falou assim: “Ó, Nivaldo chegou em São João do Oriente”. Aí eles me ligaram e pediram para o Beto para falar para eu ir, que eu estava sendo chamado para a seleção. Aí cheguei, treinei... No primeiro treino como volante, cabeça de área, projetei no ataque, fiz o gol... E a gente treinava no campo de terra, onde é, hoje ali, estacionamento do lado da Prefeitura de Ipatinga. Era o campo do Beira Rio. E as bolas novinhas, que nós estávamos treinando com elas, foram as bolas que jogaram no gramado do Ipatingão quando fomos entrar em campo. Como as bolas estavam amarelas de terra, nem lavaram as bolas, olha pro cê ver! Nem passaram um pano. Quando jogou, eles começaram a vaiar, na hora que a gente foi entrar em campo. Mas é isso... Então, eles não puderam, tanto é que o nosso goleiro, o Paulistão<sup>11</sup>, ele foi convidado de última hora, porque o goleiro estava para ser liberado e nada dele chegar, nada dele chegar, aí ficaram apertados... “Quem que é? Quem que é?” Aí, uma coisa até interessante. O

---

<sup>10</sup> Humberto [sobrenome desconhecido].

<sup>11</sup> Nome desconhecido.

Paulista chegou lá no vestiário para dar, assim, boa sorte para mim e para o Beto e... A gente já estava com aquele impasse do goleiro, assim, aí eu e mais o Beto chamamos o treinador e falamos assim: “Olha, se o problema é o goleiro que ainda não chegou, nosso problema está resolvido!”.

J.J. — Isso no dia do jogo?

N.C. — Na hora do jogo!

J.J. — Na hora?

N.C. — Na hora! Eu falei assim: “Ó o goleiro aí! Paulistão!”. “Ôua, é mesmo, Paulistão! Entra aí, vem pegar para nós aqui, contra o Cruzeiro!”. O treinador simples também... e tal e tal. Aí o Paulistão ficou branco igual cera, começou a tremer. Eu tive que pegar nele, assim, balançar ele, dei um tapinha de um lado e do outro dele, assim, para ele acordar assim, de brincadeira. Falei: “Cara! Vão pro jogo, porra, é você cara! É você, rapaz! Tá na hora de você explodir! É você!”. Ele fez umas defesas belíssimas, sabe? Porque ele era muito ágil pelas alturas, porque ele era magrelo, alto. Fez umas defesas lindas. Então, tinha no jornal uma defesa, assim, uma foto dele no ar, espalmando uma bola, um chute do Carlinhos Sabiá<sup>12</sup> na diagonal. Ficou linda a foto. Eu não sei onde ela foi parar, mas foi foto de jornal.

J.J. — Então, na semana em que você vem, está a uma semana para ter o jogo, e nessa semana, vocês estão treinando inclusive com os jogadores da Usiminas?

N.C. — Com os próprios da seleção.

J.J. — A atitude da Usiminas de escalar eles para trabalhar no dia, isso acontece...

N.C.— Não, não. Não foi escala. São horários normais de trabalho deles.

J.J. — Então, mas que ela não liberou?

---

<sup>12</sup> Carlos Alberto Isidoro.

N.C. — É, não liberou para jogar.

J.J. — E isso foi no sábado, no domingo, isso foi na véspera?

N.C. — No próprio domingo, no dia do jogo.

J.J. — No dia do jogo que ela não libera!?

N.C. — É. Não libera!

J.J. — E aí que você ficou sabendo que não iam ter esses jogadores?

N.C. — Justo! E a gente já tava sabendo que alguns outros jogadores, que trabalhavam nos departamentos que Usipa e Aciaria coordenavam... não liberariam determinados jogadores, mesmo não estando no horário de trabalho deles.

L.A. — Por que motivo?

N.C. — Questões políticas.

L.A. — Qual que era a divergência ali entre...

N.C. — Questões de... divergências políticas. Você é de uma linha partidária, ela é de outra, eu sou de outra.

L.A. — E a empresa então... tinha uma linha... a Usiminas tinha uma linha partidária?

N.C. — É do governo, né? Quem criticava o presidente da Usiminas e aquela coisa toda.

J.J. — Mas explica melhor isso para gente... em relação ao prefeito? Ao Lamego Netto? Qual é a questão política ali? Especificamente.

N.C. — Eu não sei especificamente te dizer, mas foi por uma questão política que os jogadores que mais se destacavam na Aciaria e na Usipa não foram jogar pela seleção de Ipatinga... por questões políticas. Agora pode ser partidária ou pode ser essa questão do governo não liberar, porque o Lamego era... Nem sei se ele era PMDB, eu não me lembro bem.

L.A. — Era PMDB.

J.J. — Era PMDB.

N.C. — Eu não me lembro bem, acho que era, mas foi por questões políticas. Mas aí imaginaram que a gente ia “Ah, porque com os craques, com os principais, a seleção tomou de 7, com vocês a seleção vai tomar de 15!”, sabe? Foi justamente o contrário, nós tivemos uma atuação muito bacana!

L.A. — Conta desse jogo, o que você lembra dessa partida?

J.J. — Você pode pegar até as fotos para te ajudar.

N.C. — O impacto de você entrar no túnel... “Tá na hora, tá na hora, vamos gente, vamos gente!”, um dando força um para o outro, mas quando você põe o corpo para fora do túnel e você depara com essa multidão, 40 mil pessoas, sabe? A gente começa assim... a ter aquele frio na barriga e eu sempre digo que isso é sinônimo de entusiasmo, vontade, sabe? Dá aquele arrepiado, te chama à realidade, à responsabilidade... é diferente. E se era um jogo de inauguração, por questões políticas ou não, isso não interessava. Interessava porque, quando a gente entra em campo, a gente entra para ganhar, para ganhar! E nós fomos recebidos com uma vaia devido às bolas sujas no campo, mas logo em seguida uma parcela do campo começou a aplaudir, aí todos resolveram aplaudir, eles resolveram aplaudir. Isso começou dar um ânimo, passou aquele período de congratulações e tal. Aí durante a partida, a gente sabia que o Cruzeiro era uma potência... então todo o cuidado que a gente tivesse... qualquer indecisão poderia ser fatal, né? Mas os três gols que nós sofremos na partida foram inevitáveis. Foi uma questão de qualidade mesmo e eu sempre falo: “o que diferencia o bom jogador amador de um bom jogador profissional é o condicionamento físico, é o tratamento

que ele recebe”. Porque se o bom jogador amador recebesse o mesmo tratamento do jogador profissional, ele seria um bom profissional também. Então nós não tínhamos aquela resistência de acompanhamento assíduo em cima dos jogadores do Cruzeiro. Nós tivemos boas atuações, defendemos, atacamos, criamos, sabe? Fomos muito elogiados. Volto a repetir, o treinador do Cruzeiro me destacou como melhor jogador em campo pela minha atuação. Ao término do jogo é que eu fiquei sabendo, porque vieram alguns repórteres me entrevistar. Na entrevista, eles me falaram que eu fui jogador destaque pelo treinador do Cruzeiro. Quem sabe ele vai me chamar para ser jogador do Cruzeiro? Mas o que é bom não acontece. Aí vem engenheiro para saber como é que está o estado do gramado para eu dar opinião, eu falei: “É, tem alguma coisa haver mesmo com eu ter sido destaque”. Reclamei! Eu tive uma lesão do lado na coxa, arranhou bastante e uma pequena contusão... aí o médico era de Coronel Fabriciano, que pediu para que eu fosse lá no meio da semana para eu fazer uma avaliação e tal. Eu fui, me medicou, beleza... fiquei até muito agradecido pelo interesse, né? Porque é muito comum passar uma partida dessa e você cair no esquecimento... e ele me fez ainda essa gentileza. E foi legal! Depois fomos para uma churrascaria, me parece que era a churrascaria Oasis, aquela em frente à BR, hoje mudou o nome, não sei, mas é dos gaúchos ainda.

J.J. — Encantado?

N.C. — Encantado, é! E lá sentaram as equipes da seleção de Ipatinga e a do Cruzeiro juntas. Eu fiquei no meio dos jogadores do Cruzeiro, alguns deles querendo beber cerveja, mas Yustrich<sup>13</sup> muito ignorante... ele gastava duas cadeiras para ele poder sentar porque ele era um monstro de homem e muito ignorante. Aí eu lembro que eu servia cerveja no copo assim e punha para trás e os caras tomavam escondido, sabe? Eu dando cerveja para eles tomarem escondido... igual o Eduardo e o Douglas, jogadores novos, começando no profissional... e ele nunca podia ver eles bebendo. Foi isso! E quando o Yustrich levantou, bateu na mesa: “Acabou, vão bora!”. Todo mundo saiu correndo e assaltaram o congelador de picolé da Kibon... “Vapo, vapo, vapo!”. Porque se o Yustrich chegasse no ônibus, pusesse a mão... e o pé no degrau, ele mandava o motorista arrancar o ônibus e quem ficasse para trás não entrava mais. Ele era assim. Já fez barbárie. Um amigo em Ipatinga, ele é tio do Neymar,

---

<sup>13</sup> Dorival Knipel (1917-1990), também conhecido como Yustrich.

irmão da mãe do Neymar, fiquei sabendo disso muitos anos depois... Ele trabalhava no 7 de Outubro, uma escolinha de futebol, levei muita gente daqui, chamava Jarbas. Jarbas jogava no Cruzeiro e ele era reserva do Zé Carlos, volante do Cruzeiro. Jarbas um dia perdeu o ônibus e ele pegou o fusquinha dele e foi para o campo. Quando ele chegou uniformizado já no meio do gramado, Yustrich virou para ele e disse:

— “Uai, cê veio de que?”

— “Eu vim de carro!”

— “Uai, você tem carro? Que carro você tem?”

— “Um fusca”.

— “Cê tem fusca, cê tem carro!? Rapaz, você vai vender essa porra desse carro porque você tem que jogar é futebol rapaz...”

Humilhou ele! Colocou ele para treinar, mas ele teve que vender o carro por uma ordem arbitrária. Como o grande Luizinho, quarto zagueiro do Atlético, quando ele jogava no Vila Nova e ele [Yustrich] era o treinador do Vila Nova. Teve um dia que ele colocou o Luizinho enrolado num monte de cobertor no meio certo do campo num sol de lascar, sabe? Enrolado como castigo. Não sei o que aconteceu entre eles. Como castigo para ele suar e emagrecer, sei lá! Ele tinha algumas atitudes muito radicais, mas eu tive o privilégio de ser escolhido por ele como o melhor jogador da partida, né?

J.J. — E você lembra do estádio? Você chegou a falar, antes de começarmos a gravar, de algumas questões, você poderia fazer esse... Reavivar um pouco o que estava pronto, o que não estava pronto, como é que estava...

N.C. — O interior com o fosso em torno do túnel, as colunas dos refletores estavam todas prontas, tudo pronto! Aí faltavam o acabamento, a parte dos vestiários, o hall de entrada... isso tudo não tinha ainda, foi improvisado, feito de madeira na época. Mas o físico, tirando a parte dos vestiários, estava tudo pronto, faltava acabamento.

J.J. — Gramado?

N.C. — O gramado estava novo ainda, tinha muita coisinha para melhorar no gramado, sabe? Tinham algumas falhinhas ainda, mas estava um gramado já bem maduro, bem compactado, bem bacana!

L.A. — Qual foi a sua impressão ao chegar nesse novo estádio? O que chamava mais atenção era a grandiosidade? Era esse estado de inacabado? Qual foi sua impressão?

N.C. — Não, a questão do inacabado não tinha nada a ver, foi uma questão assim até de emoção, porque você... O estádio que ainda não está acabado e você entra em campo... e você vê esse mundo de pessoas, 40 mil pessoas para ir lá prestigiar a seleção de Ipatinga e o Cruzeiro... foi uma coisa gratificante para nós também, porque nunca mais o Ipatingão teve um público desse. Nunca mais! Até porque agora reduziram muito a capacidade do estádio... o maior público de todos os tempos do Ipatingão foi esse jogo aqui. Seleção de Ipatinga versus Cruzeiro.

L.A. — E você acompanhou a continuidade dessas obras?

N.C. — Sim, inclusive elas foram até abandonadas depois de quase concluídas. Praticamente qualquer time que quisesse... amador jogava no Ipatingão. Ele ficou muito depreciado, o gramado começou acabar, vestiários sujos com mau cheiro, até que tomaram a iniciativa de refazer tudo aquilo, aí ficou maravilhoso, né? Porque a estrutura do Ipatingão é muito boa, muito boa mesmo! Você vê isso em poucos estádios de times do interior de Minas Gerais... profissionais que têm um estádio... igual tem o estádio do Ipatingão. Estrutura muito boa!

J.J. — É, ele é muito, muito grande, né? Foi projetado para ser muito grande.

N.C. — Sim! Há as salas de entrevistas, sala de juiz, sala de treinador, sala de imprensa, sala de não sei o quê, vestiário, segundo vestiário, área de aquecimento dentro do vestiário para aquecer, sabe? Aquecer, assim, fisicamente. É muita coisa que tem ali?

L.A. — E você chegou a jogar alguma outra vez no estádio?

N.C. — Sim, joguei até como veterano ainda depois de muitos anos. Cheguei a jogar como amador também no Ipatingão, mas quando surgiu esse projeto do Ipatinga Futebol Clube, a gente já tinha parado de jogar. A fase já tinha passado.

L.A. — Você diz que quando viu esse início de construção do estádio havia uma expectativa ali de surgir uma equipe profissional etc. Você acha que essa expectativa também estava na população? Qual era a expectativa para além do universo do futebol em relação a esse estádio?

N.C. — Olha, aí eu não conseguiria mensurar, porque eu convivia pouco socialmente dentro de Ipatinga. Ia muito... Graças a Deus, a gente tem muito conhecimento, muita amizade lá, mas, no mundo do futebol, era uma expectativa daquele grande estádio, sabe? Inclusive as finais dos campeonatos ipatinguenses passaram a ser lá... abraçaria muita gente para prestigiar... Enfim, era uma expectativa muito grande de abrir um leque de opções para os grandes atletas amadores que tinham na região. Mas demorou bastante para esse projeto, veio muitos anos depois.

L.A. — Você que, como amador, chegou a jogar lá depois... quais lembranças você tem das outras partidas, assim, em relação às condições do estádio?

N.C. — Estádio vazio, sujo, a gente trocava de roupa às vezes na beira do campo porque os vestiários estavam inabitáveis. Desmazelado.

J.J. — Você lembra do ano, dos anos, período?

N.C. — Ah, aí já foi ao longo das décadas de 1980, de 1990, alguma coisa assim. Até eles terminarem de estruturar aquilo. Inclusive eu tive uma boa notícia de que eles iriam escrever a história do Ipatingão nas paredes dos túneis do Ipatingão e que a primeira foto que ia sair lá seria dessa seleção ipatinguense. Eu falei assim: “Porra, eu vou ser imortalizado?” [risos]. Então, mas parou por aí, foi só uma ideia, não avançou essa ideia não.

L.A. — Depois vou até te perguntar disso...

N.C. — Eu frequentei muito o Ipatingão. Na época, o Ney da Mata já tinha parado de jogar futebol, aí eu fiz um curso de treinador lá em São Paulo pela Federação Paulista de Futebol e pela Associação dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo. Foi lá na USP. Eu fiz esse curso de treinadores lá e, depois, eu acompanhei o Ney da Mata na pré-temporada

do Ipatinga na série D do Campeonato Nacional, sabe? Só não acompanhei os jogos fora, mas acompanhei os jogos dentro do Ipatingão. Então eu tinha acesso aos vestiários, aos jogadores, como eu também tive o privilégio de fazer um acompanhamento com o Cosme, Cosme Damião? Não... Ele é chamado de Cosminho, o maior detentor de títulos capixabas. Ele treinava a Desportiva<sup>14</sup>. Aí eu passei uma temporada com ele lá, fiz um jogo de Copa Brasil contra o Fortaleza, mas a nossa desclassificação foi normal. É isso. Aí eu resolvi não fazer a carreira de treinador, resolvi aquietar na vida.

L.A. — Quando você diz assim: “estruturar”, você visualiza o marco dessa estruturação final do estádio quando vem o Ipatinga Esporte Clube?

N.C. — Não, essa estrutura já existia no estádio antes. Foi dada uma repaginada, né? Foi dada uma repaginada, uma adaptação.

L.A. — Houve reformas ou só uma questão de manutenção?

N.C. — Reformas, reformas e manutenção.

L.A. — Você acha que essa expectativa de que a construção do estádio influenciasse positivamente no desenvolvimento do esporte da região, o futebol, se concretizou?

N.C. — Muito! Muito! A expectativa era muito grande, mas eu acho que não se concretizou. Eu acho que... não é que foi um tiro no pé, porque a nossa região aqui ficou muito bem representada com o Ipatinga Futebol Clube, com o Democrata<sup>15</sup>, ali em Manhauçu com o... esqueci o nome gente... três times profissionais em um raio de 100 quilômetros um do outro... Ficou muito legal, né? Mas o incentivo ao esporte, no sentido de revelar atleta... para ser revelado no Ipatinga Futebol Clube, ficou esquecido, ficou esquecido. Lembro-me apenas de um jogador que foi convidado para o Ipatinga, ficou treinando, treinando e não deu certo. Nem vou arriscar falar o nome porque não tenho certeza, nem de qual time que ele era, ou era da Aciaria ou era da Usipa.

---

<sup>14</sup> Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce, mais conhecida como Desportiva, é um clube de futebol da cidade de Cariacica/ES.

<sup>15</sup> Esporte Clube Democrata, Governador Valadares/MG.

L.A. — Você tem hipóteses de por que isso não ocorreu?

N.C. — Muito tem a ver com pessoas que pegam para coordenar e que têm uma visão de quem coordena um grande clube, em um grande momento, sabe? Então você já quer atingir um patamar. Tanto é que conseguiram, né? Ipatinga foi campeão em cima do Cruzeiro, Ipatinga foi nas finais da Copa Brasil, jogadores do Ipatinga foram contratados pelo Santos, pelo Vanderlei Luxemburgo... o lateral direito Denis... É até aqui da nossa área... ele é sobrinho do Gessino... Ele foi para lá, jogou, depois foi para o Corinthians, machucou o joelho... o médico do Corinthians operou o joelho dele e ele nunca mais voltou a jogar futebol. Hoje está em Ipatinga. Já estava pré-selecionado para a Seleção Brasileira, daqueles jogadores que ficavam no Brasil... se tivesse alguma oportunidade, algum corte, ele iria e estava sendo sondado para jogar na Itália. Esse Grava, esse doutor Joaquim Grava, me parece que operou ele, o mesmo que operou o Adriano Imperador. Adriano também nunca mais jogou bola, ficou puxando da perna, mancando. O Denis foi da mesma forma nesse fim de carreira.

L.A. — Retomando só uma coisa com relação àquele jogo de inauguração: o que você lembra de outros pequenos eventos para aquela cerimônia para além do jogo? Você lembra que rituais aconteceram ali?

N.C. — Teve, eu não participei, mas teve um desfile de todos os clubes que eram filiados à Liga Ipatinguense. Desfilaram com seus respectivos uniformes nesse dia, inclusive o nosso goleiro, o Paulistão, que foi o goleiro da seleção naquele dia... ele estava nesse desfile, ele foi nos cumprimentar ainda uniformizado quando recebeu o convite para jogar. Então houve essa apresentação dos clubes, sabe? Para o público presente.

L.A. — O caráter político estava? Que elementos que você lembra dessa exploração política de discursos oficiais, tinha alguma coisa marcante?

N.C. — Não, não teve muito essa questão de discurso não, mas mais detalhes eu não lembro porque a gente estava concentrado... lá no fundo... A gente não presenciou o desfile, nem nada, então a gente estava num lado e o Cruzeiro do outro, a gente estava concentrado no

jogo, mas não teve discurso, não teve nada. E muitos que estavam ali para prestigiar o jogo estavam pelo futebol e não pela questão política também, né? Questão política ali nesse dia, eu acho, foi uma mera coincidência, porque o que ficou com ênfase mesmo foi o futebol. E o futebol foi prestigiado, foi iluminado por essas pessoas que lá estavam. Política mesmo ninguém nem deu ideia para quem estava lá. Eu nem vi político lá, nem cheguei a ver.

L.A. — A torcida de forma geral estava apoiando vocês por ser o time da cidade após o momento da vaia da bola?

N.C. — Mais o Cruzeiro, mais o Cruzeiro!

J.J. — [risos].

N.C. — Não deixavam de dar uma moral para gente.

J.J. — Mas...

N.C. — Mas vibravam. Por exemplo, esse Carlinhos Sabiá aqui, esse Carlinhos Sabiá... quando soltaram a bola, deram um toquinho no meio de campo soltando a bola, eles deram um tapa na bola lá e ele dominou a bola na ponta direita. Quando ele dominou foi um alvoroço tão grande que eu fiz “assim”, achando que estava caindo alguma coisa.

J.J. — [risos] Até você parou para ver?

N.C. — É porque ele era a estrela do time e todo mundo ali falava: “Ah, eu vou ali ver o Cruzeiro”, mas a expectativa era de ver o Carlinhos Sabiá detonando todos nós... mas não aconteceu muito não.

J.J. — [risos]

N.C. — E o interessante que esse Lúcio aqui, Lúcio da Skol, o saudoso Lúcio da Skol... ele era lateral direito. Aí no dia, na hora do jogo [risos], o treinador falou assim: “Ô Lúcio, eu vou precisar de você jogar na lateral esquerda”. Porque o Fizinho de Fabriciano... já era

meio coroa... e o Lúcio tinha um vigor físico mais ligeiro e tal... E falou assim: “Vou precisar que você jogue na lateral esquerda para você marcar o Carlinhos Sabiá”. Ele falou: “O quê? O quê?”. Eu falei assim: “Você não é homem não, rapaz?”. Ele ficou até branco e falou: “Nivaldo, esse cara tá doido? Mandar eu, lateral [direito], marcar Carlinhos Sabiá? Vou jogar, vou tentar fazer o máximo de mim, mas marcar, neutralizar o Carlinhos Sabiá...”. Nem os grandes laterais dos times profissionais do Brasil não paravam o cara. Mas foi um lance legal de vestiário! Depois a gente riu à vontade, sabe?

J.J. — [risos]

N.C. — “Jogando na fria!”. É desse jeito. Mas a plateia foi ali mais por causa do jogo e não pela questão política. Alguns sim, né? Acho que a minoria.

L.A. — Mais alguma coisa, Júlia?

J.J. — Não, acho que tudo que a gente...

L.A. — Nivaldo, tem algo que você gostaria de acrescentar que a gente não te perguntou, mas você acha que pode ser interessante?

N.C. — Ah, eu acho que não... assim, basicamente é isso, né? Tem muito detalhezinho também e pela data a gente nem lembra.

L.A. — Faz parte, a memória [risos].

J.J. — A memória vai confundindo a gente.

N.C. — Não é verdade? A gente vai se ocupando de muitas coisas também e tal, mas a gente lembra de tudo isso com muito saudosismo. Essa semana mesmo eu sonhei que eu estava jogando num time profissional... a gente ainda tem essas vertigens ainda. Uma vez eu acordei minha esposa dando um chute nela. “Ai, ai!”. Mas foi de verdade, a bola vinha, eu querendo chutar, eu não conseguia chutar a bola, minha perna travada, eu tenho que chutar, e os caras vão chegando, aí eu tenho que chutar, chutar e chutar, aí eu chutei ela. Foi uma

adrenalina no sonho. A gente que nunca tem capacidade de realizar as coisas... No sonho, a gente pensa... Você está freando um carro, o carro não para. Você está caindo e você não consegue parar.

J.J. — Cair é de praxe!

N.C. — O lance de cair e aí acorda.

L.A. — É! [risos]

N.C. — Tem esse lance todo. Mas é isso mesmo.

L.A. — Mas te agradeço muito, Nivaldo!

N.C. — Queria que a vinda de vocês fosse, assim, mais proveitosa, com mais riquezas de conteúdo.

J.J. — Mas tem muita riqueza, tem muito conteúdo aqui!

L.A. — Demais!

J.J. — Tem algum nome de alguns dos jogadores que eram para estar nesse dia e aí eles não foram liberados? Você lembra do nome deles?

L.A. — Qualquer um deles.

N.C. — Eu não lembro se o Peneneco estava nessa época, mas já estava na Aciaria.

J.J. — Ou alguém que você tenha contato que pode passar o nome deles?

N.C. — O Penenco vai te lembrar disso tudo.

J.J. — Peneneco!

N.C. — Peneneco! Porque o goleiro da Aciaria, o goleira da Usipa... eu não lembro, mas assim... O Peneneco, o Fernando, acho que é Fernando, volante da Usipa, Ailton Jonas, zagueiro da Usipa, o centroavante Welder, centroavante da Usipa. Na Aciaria tinha Zé Maria, Osvaldo, lateral esquerdo... Mais quem gente? Geovane era o goleiro da Aciaria que, na época, até casou com uma menina aqui da cidade, era goleiro da Aciaria, era para tá nessa seleção também.

L.A. — Bastante gente!

[FINAL DA ENTREVISTA]